

**Recensão crítica do livro:**

MAGALHÃES, Mário. **Marighella**: o guerrilheiro que incendiou o mundo. São Paulo: Companhia das letras, 2012. 732p.

O livro intitulado *Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo* é simplesmente de tirar o fôlego. Seu autor, Mário Magalhães, nunca escondeu de ninguém que ao fazer um livro sobre o antigo militante comunista e maior líder da Aliança de Libertação Nacional Nacional - que segundo ele, era um homem que não tinha tempo para ter medo de tanto correr das forças repressivas – esperava montar sua narrativa sob a forma de um triller de suspense. É pode-se afirmar sem medo de errar: o autor foi extremamente bem-sucedido.

O painel de toda uma vida, de 58 anos incompletos foi minuciosamente construído com base na leitura das incríveis cerca de 700 páginas da volumosa biografia acaba não pesando. Dezenas de arquivos vasculhados, mais de uma centena de jornais e revistas lidos e relidos, uma copiosa bibliografia consultada e mais de 250 entrevistas com pessoas que viveram, conspiraram, sonharam, fracassaram, venceram e choraram com Marighella. Foram tantos os entrevistados que Mário não só entrevistou pessoas que amaram Marighella, como Clara Charf, quanto pessoas que o odiaram intensamente, com toda a força que o seu reacionarismo permitisse, caso de Cecil Borer.

Importante assinalar que a obra de Mário Magalhães acaba sendo não apenas uma história sobre a vida de Marighella, portanto, uma biografia na sua precisa acepção. Dada a profundidade e incrível detalhamento com que aborda os aspectos da trajetória do comunista baiano, sempre se preocupando na medida do possível em fazer a devida associação com um contexto mais amplo de questões e relações, Mário acaba oferecendo ao seu leitor um interessante olhar sobre a história do Partido Comunista Brasileiro e, de certa maneira, um interessante olhar sobre a história política do país entre os anos 30 e final dos 60.

A esse respeito podemos apontar importantes reflexões do autor sobre temas até hoje controversos sobre o PCB, como a Insurreição de 1935 e a adoção da linha política do Manifesto de Agosto de 1950, quando o partido abandona a via democrática

institucionalizada e passa a defender a perspectiva insurrecional de tomada de poder, de viés claramente leninista e maoísta.

Igualmente interessante – quase já ao final do livro – é a menção a uma das maiores farsas criadas pelo regime militar para justificar a brutal repressão contra os grupos de luta armada e contra os opositores de maneira geral a partir do AI-5. Mário observa que a justificativa dada pela linha dura de que a repressão respondia apenas à escalada da violência dos próprios grupos de esquerda não passava de um engodo. O autor demonstra que bem antes dos primeiros assaltos a banco, roubos de carros e cofres de governadores (que roubavam, mas faziam) ou, segundo palavras das próprias organizações guerrilheiras, dos “atos de expropriação”, já havia uma forte pressão por parte de setores militares em favor do endurecimento do regime.

Mas é claro que os principais momentos do trabalho são os lances da vida de Marighella. Num universo tão vasto de informações e dados sobre a vida do guerrilheiro que amava Stálin, carnaval, poesia e as peças de Vianinha, Mário nos apresenta um militante apaixonado pela política, por questões da geopolítica internacional, mulheres e cultura popular.

Dimensões pouco comentadas da trajetória do comunista baiano são destacadas: sua experiência como preso político na Ilha Grande, após ser preso durante a intensa repressão desencadeada após a Insurreição de 35; seu trabalho de mobilização junto a trabalhadores rurais da Bahia após ser eleito deputado federal em 46; a sua atuação no PCB durante a vigência do Manifesto de Agosto; a sua crise choro em reação à morte de Stálin; a malfada tentativa de explosão de um trem suburbano lotado de trabalhadores em São Paulo, o que provocaria indignação até no interior do partido; sua viagem a China e o impacto que ela terá na formulação de uma tese cara anos depois à Marighella, determinando inclusive o seu rompimento e expulsão do partido em 67 – a tese da revolução partindo do campo e não das cidades, conforme o modelo que acabou se desenrolando em terras orientais; sua relação com figuras como Francisco Julião, Carlos Lamarca e o governo cubano; a montagem e os primeiros passos da ALN: seus atos, discursos, manifestos, planos e devaneios.

E como não poderia deixar de ser, os capítulos mais intensos e dramáticos são os que destacam os últimos meses de vida de Marighella: desde o momento em que o aparelho repressivo, representado pela Operação OBAN de Sérgio Fleury, começa a desvendar suas ligações com os freis dominicanos até a emboscada e a execução

covarde efetuada contra um Marighella desarmado e cercado por mais de 30 homens na alameda Casa Verde em São Paulo.